



B1

ISSN: 2595-1661

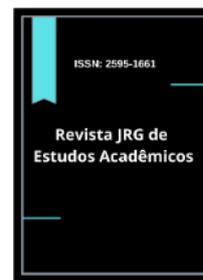
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Percepção dos profissionais de enfermagem acerca da hesitação dos pais em relação à vacinação de crianças

Nursing professionals' perception of parents' hesitation regarding children's vaccination

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1980

ARK: 57118/JRG.v8i18.1980

Recebido: 15/03/2025 | Aceito: 05/04/2025 | Publicado *on-line*: 08/04/2025

Nádia Luany Andrade¹

<https://orcid.org/0009-0002-2316-799X>

<http://lattes.cnpq.br/5705526105695994>

Centro Universitário de Lavras - Unilavras

E-mail: nadiaandraade@gmail.com

Ana Cláudia Barbosa Honório Ferreira²

<https://orcid.org/0000-0003-4289-7699>

<http://lattes.cnpq.br/7486867605292606>

Centro Universitário de Lavras - Unilavras

E-mail: ananepe@unilavras.edu.br



Resumo

A imunização é fundamental em saúde pública, por prevenir doenças e complicações potencialmente fatais. Um dos fatores que explicam a queda da cobertura da imunização infantil é a hesitação vacinal. Objetivo: Identificar a percepção dos profissionais de enfermagem sobre os fatores que impedem os pais de manterem o cartão de vacina dos filhos atualizados. Método: Estudo qualitativo e descritivo. Para a análise dos dados optou-se por embasar a pesquisa com a Teoria de Adaptação de Roy. Resultados: A pesquisa contou com 7 profissionais de enfermagem que atuam em sala de vacinas, do gênero feminino, com idades variando entre 35 e 50 anos. Entre os participantes, 2 com formação técnica em Enfermagem, e 5 com graduação em enfermagem. O instrumento de coleta de dados foi um questionário, e após a análise dos dados surgiram duas categorias temáticas que foram discutidas: “A influência das Fake News na imunização das crianças” e “O receio de pais e cuidadores pela reação adversa após a vacina”. Considerações finais: É essencial que os profissionais de saúde implementem estratégias educativas eficazes, promovam a comunicação clara e consistente, por parte das autoridades de saúde e ofereçam apoio emocional e psicológico para superar as barreiras associadas à imunização.

Palavras-chave: Hesitação Vacinal. Profissionais de Enfermagem. Imunização.

¹ Graduada em Enfermagem pelo Unilavras.

² Doutora em Ciências da Saúde pela Unicamp, Docente no Unilavras.

Abstract

Immunization is essential in public health, as it prevents potentially fatal diseases and complications. One of the factors that explain the drop in childhood immunization coverage is vaccine hesitancy. Objective: To identify the perception of nursing professionals about the factors that prevent parents from keeping their children's vaccination records up to date. Method: Qualitative and descriptive study. For data analysis, we chose to base the research on Roy's Adaptation Theory. Results: The research included 7 female nursing professionals who work in vaccination rooms, aged between 35 and 50 years. Among the participants, 2 had technical training in Nursing, and 5 had a degree in Nursing. The data collection instrument was a questionnaire, and after data analysis, two thematic categories emerged and were discussed: "The influence of Fake News on children's immunization" and "Parents' and caregivers' fear of adverse reactions after vaccination". Final considerations: It is essential that health professionals implement effective educational strategies, promote clear and consistent communication from health authorities, and offer emotional and psychological support to overcome barriers associated with immunization.

Keywords: *Vaccine Hesitancy. Nursing Professionals. Immunization.*

1. Introdução

A imunização desempenha uma importante ação na proteção da saúde pública, com a capacidade de prevenir a disseminação de doenças infecciosas e ajudar no controle de casos pelo sistema de saúde. A vacinação não apenas protege os indivíduos imunizados, mas também contribui para a imunidade de grupo, reduzindo a transmissão das doenças na comunidade. Essa estratégia é particularmente importante em contextos de surtos, onde a rápida implementação de campanhas de vacinação pode conter a propagação de doenças como a gripe e o sarampo. A contínua promoção da imunização é, portanto, vital para garantir a saúde pública e a prevenção de epidemias (Silva et al, 2022; Brasil, 2021; Brasil, 2023).

Nos últimos anos vem ocorrendo uma diminuição na adesão vacinal. Neste sentido, a saúde coletiva torna-se gravemente ameaçada, tendo em vista o retorno de doenças anteriormente controladas e erradicadas (Souza et al, 2021; Instituto Butantan, 2024; Organização Mundial de Saúde, 2024).

Um dos fatores que explicam a queda da cobertura da imunização infantil é a hesitação vacinal. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é definida como a relutância ou recusa em aceitar vacinas, mesmo quando estas estão disponíveis, e pode ser influenciada por fatores como desinformação, falta de confiança nos sistemas de saúde e experiências pessoais. É um fenômeno complexo e multifatorial, que envolve diversos aspectos culturais, sociais e econômicos. Além disso, trata-se de um processo dinâmico, que se modifica com o passar dos anos (Silva et al, 2022; Organização Mundial de Saúde, 2024).

O enfermeiro desempenha um papel fundamental nas ações de promoção à saúde, especialmente no que diz respeito à imunização. Segundo as diretrizes do Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Brasil, os profissionais de enfermagem são responsáveis pelo planejamento, execução e coordenação das campanhas de vacinação, garantindo que as vacinas sejam administradas de forma adequada e segura. Além disso, eles atuam na orientação da população sobre a importância da

imunização, promovendo a adesão às vacinas e esclarecendo dúvidas (Domingues, Teixeira, 2020; Brasil, 2022).

A queda da cobertura vacinal no Brasil desencadeou notória preocupação acerca do iminente impacto negativo oriundo da hesitação vacinal, ameaçando o descumprimento das metas definidas pelo Programa Nacional de Imunização e pelo Ministério da Saúde. De acordo com dados recentes do Ministério da Saúde, a cobertura vacinal infantil caiu significativamente nos últimos anos, o que pode resultar no ressurgimento de doenças previamente controladas, como o sarampo e a poliomielite (Silva et al, 2022; Brasil, 2023).

Ainda assim, a percepção dos enfermeiros sobre o tópico é, em grande parte, desconhecida, apesar de serem os principais protagonistas da vacinação, e, portanto, de suma importância para adequada compreensão do fenômeno e para elaboração de estratégias que visem reduzir a hesitação vacinal (Santos, 2020; Souza et al, 2021).

Pensando nisso, o objetivo da pesquisa foi identificar, sob a percepção dos profissionais de enfermagem, quais são os fatores que impedem os pais de manterem o cartão de vacina dos filhos atualizados.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e descritivo. A pesquisa qualitativa na enfermagem busca compreender fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, explorando suas experiências, significados e subjetividades. Esse tipo de investigação foca em aspectos não quantificáveis, como emoções, crenças e interações sociais, sendo especialmente útil para estudar o cuidado e as relações interpessoais no ambiente de saúde (Polit, Beck, 2011).

A pesquisa descritiva na enfermagem tem como objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno, sem interferir ou modificar as condições existentes. Esse tipo de estudo busca explorar e detalhar situações relacionadas à saúde, práticas de cuidado, ou perfil de pacientes, a fim de gerar conhecimento sobre as condições ou comportamentos observados (Polit, Beck, 2011). Com base nessas informações, é possível planejar intervenções mais efetivas, promovendo melhorias nos cuidados de saúde e na qualidade de vida dos pacientes.

A coleta de dados aconteceu no período de março a maio de 2024, nas 6 Unidades Básicas de Saúde (UBS) com sala de vacinas, de um município no Sul de Minas Gerais. Os participantes foram contatados por telefone previamente e um horário foi agendado para a entrevista. Participaram profissionais de enfermagem que atuam nas salas de vacinação, enfermeiros e técnicos de enfermagem. Inicialmente foi apresentado ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que após assinado, dava-se início a coleta dos dados.

As entrevistas foram realizadas em consultórios que estavam disponíveis no horário, com privacidade entre pesquisador e participante, durando cerca de 10 minutos.

Primeiramente foi aplicado um questionário sociodemográfico apresentando um roteiro com dados de formação e atuação profissional, tais como: sexo, idade e tempo de experiência profissional. A seguir a entrevista, utilizando gravador digital, com o intuito de registrar os discursos dos participantes na íntegra. A questão norteadora que foi feita a cada participante foi: “Qual é a sua percepção enquanto profissional de saúde, acerca da hesitação dos pais em vacinar as crianças? ”.

Cabe enfatizar que juntamente a coleta de dados, foi realizada a análise dos dados. Para análise dos dados, optou-se pela técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), com o intuito de descobrir o significado do conteúdo manifesto, seguindo as fases de pré-análise, exploração dos dados e tratamento e interpretação dos resultados (Bardin, 2009).

Para tanto, os relatos foram submetidos a leituras sucessivas, estabelecendo uma codificação denominada de unidade de significado. Estas foram analisadas à luz das indagações propostas, que convergiram em duas categorias temáticas. As categorias temáticas evidenciam o que foi expresso nos relatos, possibilitando a compreensão dos significados apreendidos acerca da hesitação dos pais quanto a imunização de crianças.

Para a discussão dos dados, a Teoria de Adaptação de Roy, proposta pela enfermeira e teórica da enfermagem Sister Callista Roy na década de 1970, foi utilizada, por ser uma das abordagens significativas dentro da prática de enfermagem. Essa teoria enfoca a adaptação dos indivíduos a mudanças internas e externas, considerando que as pessoas são seres em constante interação com o ambiente (Roy, S.C, 1970).

A teoria se baseia na premissa de que a saúde é um estado de adaptação, e o papel da enfermagem é promover essa adaptação, ajudando os indivíduos a lidarem com suas necessidades físicas, emocionais e sociais. Roy identifica quatro modos de adaptação: fisiológico, autoconceito, função de papel e interdependência. Esses modos ajudam os profissionais de saúde a compreenderem como os pacientes respondem a situações de estresse ou mudanças na saúde (Roy, S.C, 1970).

Para a análise dos dados, essa teoria pôde ser aplicada para entender como a imunização afeta a adaptação dos indivíduos a diferentes condições de saúde e como as intervenções de saúde pública impactam a percepção de saúde da população. Ao observar a resposta adaptativa dos indivíduos à imunização, os profissionais de saúde podem desenvolver estratégias mais eficazes para promover a aceitação e a adesão às vacinas (Pires et al, 2022).

Neste estudo foram obedecidas às normas de Pesquisa com Seres Humanos, segundo a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012, versão 2012. Os participantes foram tratados com dignidade, respeitados em sua autonomia e defendidos em sua vulnerabilidade, objetivando-se a garantia dos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos cujo parecer foi favorável com número do CAAE 69499323.2.0000.5116.

3. Resultados e Discussão

A pesquisa envolveu uma amostra de 7 profissionais de enfermagem, incluindo 2 técnicos em enfermagem e 5 enfermeiros. Todos os participantes eram do sexo feminino, a faixa etária variou entre 35 e 50 anos, e o tempo de atuação na enfermagem é de 5 a 20 anos entre os profissionais.

Após a análise dos dados coletados, pôde-se chegar a duas categorias temáticas: “A influência das Fake News na imunização das crianças” e “O receio de pais e cuidadores pela reação adversa após a vacina”, que serão descritas a seguir.

Primeira Categoria: “A influência das Fake News na Imunização das Crianças”

As *fake news* são definidas como informações falsas ou enganosas disseminadas deliberadamente para enganar as pessoas. No cenário da imunização, essas notícias frequentemente apresentam alegações sem fundamentos científicos quanto a segurança e eficácia das vacinas, incluindo mitos de que elas causem, por exemplo, autismo, infertilidade, ou que contenham microchips para controle populacional (Ebeling et al, 2021; Beauvais, 2022).

Os profissionais de enfermagem, ao lidar diretamente com a população, testemunham o impacto das informações falsas na percepção coletiva acerca das vacinas. Evento este que pode ser evidenciado na fala dos participantes desta pesquisa:

“Alguns pais estão apresentando relutância em vacinar crianças porque associaram essa questão das fake news, das mensagens falsas sobre a vacina do COVID, e de que algumas vacinas podem levar a problemas de saúde ou causar óbito”. E1

“Eles acreditam em tudo que leem, fica difícil explicar o que é mentira..” E4

As *fake news* têm gerado medo e desconfiança em relação à segurança e eficácia das vacinas. Neste sentido, em um ensaio clínico randomizado, ficou constatado que as *fake news* sobre a vacinação contra COVID-19, diminuíram a intenção vacinal nos Estados Unidos e no Reino Unido, reduzindo em 6,4% e 6,2%, respectivamente (Loomba et al, 2021, Frugoli et al, 2021).

O Modelo de Adaptação de Roy, uma ferramenta que pode explicar a resposta de indivíduos a estímulos e ambientes, especialmente no que se refere aos mecanismos de enfrentamento e adaptação, propõe que os indivíduos são sistemas adaptativos que interagem constantemente com o ambiente, respondendo a estímulos internos e externos. Observa-se que as *fake news* atuam como estímulos focais, em que Roy descreve como: aqueles que têm um impacto imediato e direto sobre a pessoa, desafiando seu equilíbrio e capacidade de adaptação (Pires et al, 2022).

A persistência das *fake news* e a hesitação vacinal observada entre os pais de crianças foram temas mencionados nas entrevistas com os profissionais de enfermagem, demonstrando a complexidade desse fenômeno, conforme expresso por E3:

“...na maioria das vezes, quando tem pediatra aqui onde eu trabalho, os pais ficam muito apreensivos ... Infelizmente, foi depois da COVID-19 que algumas pessoas dizem que vieram apresentar sinais e sintomas, e eles acham que determinada vacina vai causar os mesmos sinais e sintomas.” E3

Este relato destaca como a desinformação pode exacerbar medos infundados, levando os pais a associarem erroneamente reações adversas comuns das vacinas com complicações graves (Galhardi et al, 2020).

Considerando o Modelo de Adaptação de Roy, essa situação pode ser interpretada como uma resposta inadequada aos estímulos focais provocados pelas *fake news*. Roy argumenta que a adaptação positiva ocorre quando os indivíduos utilizam mecanismos de enfrentamento eficazes para lidar com estímulos perturbadores. Neste caso, a adaptação positiva fica comprometida, visto que, as

falsas informações acabam sobrepondo o conhecimento científico (Pires et al, 2022; D'almonte, Siqueira, Araújo, 2023).

Os pais que acreditam em desinformação podem utilizar mecanismos de enfrentamento mal adaptados, como evitar a vacinação, o que impede uma adaptação saudável e coloca em risco a saúde das crianças, conforme afirma o entrevistado número 2:

"a falta de conhecimento da população sobre vacinas, sua eficácia, e também depois da pandemia, o pessoal não quis vacinar devido às fake news. A população tem muito receio por não saber a eficácia e a origem das vacinas." E2

A fala de E2 destaca a necessidade urgente de estratégias educacionais que abordem diretamente a desinformação sobre as vacinas. A comunicação clara e baseada em evidências é essencial para combater a desinformação e construir confiança em imunização (D'almonte, Siqueira, Araújo, 2023).

A educação em saúde desempenha um papel fundamental na enfermagem, pois capacita os profissionais a promoverem um cuidado mais eficaz e humanizado aos pacientes. O enfermeiro, ao atuar como educador em saúde, não apenas transmite conhecimentos, mas também fortalece a autonomia dos pacientes, incentivando a adoção de hábitos saudáveis e o manejo adequado de suas condições de saúde. Isso é especialmente relevante no contexto de constantes avanços tecnológicos e científicos, que exigem uma atualização contínua dos conhecimentos dos profissionais de saúde para oferecerem cuidados de qualidade. A educação em saúde é uma prática diária e essencial na vida do enfermeiro, servindo como um suporte vital para a equipe multidisciplinar e para os próprios pacientes (Marques et al, 2023), conforme demonstra a fala de E2:

"...conscientização da população, mostrar a importância das vacinas, o quanto eficazes elas são, e o que elas estão fazendo para prevenir novas doenças." E2

"..explicar tudo sobre elas (vacinas), como funcionam, por que as pessoas não estão sabendo como é.." E5

Os esforços para combater as *fake news* devem envolver não apenas profissionais de saúde, mas também educadores e líderes comunitários. A educação em saúde de maneira multiprofissional auxilia na garantia que as informações de saúde pública sejam eficazes e alcancem muitos usuários. A colaboração entre diferentes setores da sociedade pode reforçar a confiança pública e promover uma melhor compreensão das questões de saúde (Zarocostas, 2020).

A inclusão de educadores no esforço de conscientização sobre vacinas é crucial, pois eles têm acesso direto a crianças e pais no ambiente escolar, representando um cenário de confiança para a disseminação de informações. A educação é um processo de conscientização que envolve a transformação da realidade social por meio do diálogo crítico (Marques et al, 2023).

Nesse contexto, educadores podem atuar como mediadores do conhecimento científico sobre vacinas, ajudando a desconstruir mitos e incentivar atitudes positivas em relação à vacinação. Ao incorporar temas de saúde pública nos currículos escolares, é possível criar uma geração mais informada e menos suscetível à desinformação (Rancher et al., 2023).

De acordo com o Ministério da Educação (2023), iniciativas intersetoriais como o Programa Saúde na Escola visam mobilizar a comunidade escolar para promover saúde e ampliar a cobertura vacinal, fortalecendo a integração entre educação e saúde pública.

Os profissionais de saúde, naturalmente, continuam sendo atores centrais nesse esforço multidisciplinar. Eles são frequentemente a fonte mais confiável de informações de saúde para o público. No entanto, para serem eficazes, eles precisam ser treinados em comunicação e em como abordar a desinformação de maneira sensível e eficaz. Programas de treinamento que equipam profissionais de saúde com habilidades de comunicação e técnicas de escuta empática, podem melhorar significativamente as taxas de vacinação. Isso inclui a capacidade de explicar a ciência por trás das vacinas de maneira que seja compreensível para pessoas sem formação científica, abordar preocupações específicas dos pacientes e construir uma relação de confiança (Oliveira et al, 2022).

A percepção de que as vacinas não são mais necessárias também é abordada por E7:

“Os pais não têm trazido as crianças para vacinar... não existe mais casos de doenças que foram erradicadas, então parece que eles não têm mais medo da doença.” E7

“Só acreditam quando tem caso da doença na cidade, e fala nos jornais e tal, aí não vacinam eles..” E6

Este fenômeno, conhecido como complacência, ocorre quando a baixa prevalência de doenças leva à falsa crença de que as vacinas são desnecessárias. É crucial que os profissionais de saúde abordem a importância contínua da vacinação para prevenir o ressurgimento de doenças erradicadas (Rancher et al., 2023).

Neste sentido, a influência da mídia também foi ressaltada:

“A maior dificuldade dos pais é que eles não estão absorvendo conhecimento certo e deixam-se levar pela mídia, e com isso acham que a vacina não tem tanta importância.” E4

A comunicação governamental e o papel da mídia são aspectos fundamentais. A mídia, como principal veículo de informação para grande parte da população, desempenha um papel fundamental na formação de opiniões sobre vacinas. Quando a cobertura midiática é equilibrada e baseada em evidências, ela pode aumentar a conscientização sobre os benefícios da vacinação e dissipar mitos prejudiciais. No entanto, quando a mídia propaga desinformação ou dá voz desproporcional a opiniões anti-vacina, isso pode ter efeitos devastadores na confiança pública (Rancher et al., 2023).

A proliferação de informações erradas sobre vacinas nas redes sociais, tem aumentado a hesitação mais rapidamente do que as intervenções para combater a desinformação (Ruggeri et al., 2024; Astuti et al., 2024).

Para combater a desinformação, é essencial que os profissionais de saúde trabalhem em estreita colaboração com jornalistas e meios de comunicação. Este esforço colaborativo pode ajudar a garantir que as informações divulgadas sejam precisas e baseadas em evidências científicas. Iniciativas como a verificação de

fatos em tempo real e a promoção de jornalismo de saúde responsável podem ser eficazes (ICFJ, 2024).

Além disso, a comunicação governamental desempenha um papel essencial na promoção da vacinação. Governos que adotam uma abordagem proativa e transparente na comunicação de riscos e benefícios das vacinas, conseguem melhores resultados em termos de adesão do público às campanhas de vacinação. A confiança nas autoridades de saúde pública é um fator determinante na aceitação das vacinas, sendo um dos preditores mais fortes de aceitação vacinal (Rivera et al, 2023).

Portanto, investir em campanhas de conscientização abrangentes, que incluam mensagens claras sobre a eficácia e a segurança das vacinas, é uma importante medida para proteger a saúde pública, conforme a fala de E5:

*"...a influência política e a falta de divulgação, mais propaganda na TV falando da eficácia e importância da vacina, influenciam muito."*E5

Este ponto ressalta a necessidade de uma comunicação clara e consistente por parte das autoridades de saúde. Campanhas de conscientização que promovam a vacinação devem ser contínuas e adaptadas às necessidades do público, utilizando uma variedade de plataformas de comunicação para alcançar diferentes segmentos. Além disso, a neutralidade política nas mensagens de saúde pública é fundamental, para que as informações sobre vacinas sejam percebidas como confiáveis e baseadas em ciência, e não como ferramentas de agenda política (Harvard, 2021).

Segunda Categoria: “O receio de pais e cuidadores pela reação adversa após a vacina”

Os eventos adversos pós vacinais, em grande parte das vezes, são reações esperadas que o imunobiológico pode causar na criança em resposta a ação vacinal, como febre e dor local. A prevalência do receio de reações adversas após a vacinação entre pais e cuidadores tem se revelado um fator determinante na hesitação vacinal, com implicações significativas para as taxas de cobertura (Rodrigues et al, 2023).

Estudos recentes indicam que aproximadamente 30% dos pais hesitam em vacinar seus filhos por medo de reações adversas, mesmo quando confrontados com evidências científicas que comprovam a segurança das vacinas (Brown et al. 2018; Martins et al, 2019; Souza et al, 2021).

Esse dado ressalta a desconexão entre a percepção pública e a realidade científica, sugerindo que o medo, muitas vezes, ultrapassa as barreiras do conhecimento e se enraíza em experiências pessoais ou narrativas amplificadas por fontes de informação não confiáveis. A literatura atual tem explorado como esse receio não é meramente uma resposta a eventos adversos, mas uma manifestação de incertezas mais amplas sobre a segurança e a necessidade das vacinas, exacerbadas por um ambiente informacional, saturado de desinformação e narrativas emotivas que distorcem a compreensão do risco (Souza, Silva, Silva, 2021; Souza, Silva, Silva, 2022).

A análise da prevalência desses medos sugere que o impacto das reações adversas, embora estatisticamente insignificante, assume uma dimensão amplificada na percepção dos pais, frequentemente alimentada por casos isolados

que são disseminados desproporcionalmente em plataformas digitais (Rodrigues et al, 2023).

“A não aceitação das pessoas no caso os pais pode ser até mesmo de constrangimento. Eles não estão aceitando ou acreditam que a vacina possa ter algum efeito, além de causar sérios danos colaterais..”. E2

A cobertura midiática de eventos adversos, mesmo quando esses são raros e de baixa gravidade, tende a provocar um efeito cascata, intensificando a percepção de risco através de uma repetição cíclica e amplificação dessas narrativas. Isso cria uma desconexão entre a realidade estatística dos eventos adversos e a percepção pública, onde o risco de uma reação adversa grave é muitas vezes superestimado em detrimento dos benefícios coletivos da vacinação (Souza, Silva, Silva, 2021).

Além disso, o fenômeno conhecido como "espectro da incerteza" vem ganhando destaque na literatura como uma explicação para a hesitação vacinal. Esse conceito sugere que a incerteza não é apenas um subproduto da falta de informação, mas também uma consequência da superabundância de informações conflitantes, onde pais e cuidadores encontram dificuldade em discernir entre dados confiáveis e alarmismos infundados. Essa incerteza é exacerbada em um contexto em que a autoridade científica é contestada e as decisões de saúde pública são politizadas, reforçando o ceticismo em torno das recomendações vacinais (Guerra, Silva, 2021).

No contexto do Modelo de Roy, o receio dos pais em relação à vacinação pode ser entendido como uma resposta de adaptação ao ambiente de incerteza das possíveis reações adversas. Portanto, o comportamento dos pais que optam por atrasar ou evitar a vacinação é visto como uma forma de adaptação psicológica ao estresse e defensiva ao medo da ação da vacina, o que pode resultar em vulnerabilidade aumentada das crianças a doenças preveníveis, sendo assim, esse comportamento parental, se não modificado, pode ter consequências negativas para a saúde infantil e o bem-estar geral (Pires et al, 2022).

É crucial considerar as implicações desse receio no contexto das desigualdades sociais e de saúde, que também moldam a hesitação vacinal. O medo de reações adversas é particularmente pronunciado em comunidades onde o acesso é limitado a cuidados de saúde de qualidade, combinado com uma menor exposição a informações corretas sobre vacinas, reforçando a vulnerabilidade a desinformações. Essas populações, frequentemente expostas a campanhas de desinformação, enfrentam barreiras adicionais que complicam ainda mais a tomada de decisão informada (Souza, Silva, Silva, 2023).

No relato de E3, destaca-se a apreensão dos pais em relação aos sinais e sintomas pós-vacinação, exacerbada pela pandemia de COVID-19:

"...infelizmente em algumas pessoas vieram apresentar sinais e sintomas.. E eles acham que determinada vacina eles vêm e vão ter sinais e sintomas também."
E3

As narrativas pessoais e comunitárias têm um papel central na formação das atitudes vacinais, especialmente em contextos onde o medo de reações adversas é elevado. Essas experiências individuais, frequentemente compartilhadas e amplificadas em redes sociais, geram uma percepção distorcida do risco, levando

muitos pais a associarem erroneamente reações adversas de uma vacina específica a todas as vacinas infantis (Lazarus et al. 2022).

A literatura recente reforça a influência dessas narrativas na hesitação vacinal. As histórias negativas sobre reações adversas têm um impacto desproporcional na formação das atitudes vacinais, muitas vezes superando evidências científicas robustas que comprovam a segurança das vacinas. A propagação dessas narrativas é facilitada pela natureza emocionalmente carregada das histórias pessoais, que encontram eco nos medos parentais (Lazarus et al. 2022).

Assim, o relato de E3 exemplifica como essas narrativas moldam a percepção coletiva de risco, criando barreiras significativas para a adesão às campanhas de imunização.

É importante considerar que essas narrativas não apenas moldam a percepção de risco, mas também reforçam uma cultura de desconfiança em relação à ciência e às autoridades de saúde. A confiança nas instituições de saúde pública pode ser erodida quando os pais são continuamente expostos a narrativas negativas. Isso cria um ciclo vicioso onde a hesitação vacinal é perpetuada, dificultando ainda mais os esforços de imunização (D'almonte, Siqueira, Araújo, 2023).

Para combater esse efeito, estratégias comunicacionais que abordem diretamente essas narrativas são essenciais. Uma abordagem recomendada pela literatura é o uso de contra narrativas que promovam histórias de sucesso da vacinação, destacando os benefícios e a segurança das vacinas. Essa abordagem pode ajudar a construir confiança e a reverter a percepção negativa em relação à imunização, promovendo uma compreensão mais informada sobre a importância das vacinas para a saúde pública (Wang et al., 2022).

“Eles chegam já perguntando o que a criança sente depois, o que devem fazer, não preocupam que é pelo bem da criança a vacina”..E5

“ Nunca presenciei caso de reação, são raros, mas sabemos que podem acontecer, por isso é necessário orientar direitinho..”E4

Essas contra narrativas devem ser disseminadas de maneira estratégica, utilizando os mesmos canais que propagam as histórias negativas, visando equilibrar a balança da percepção pública e restaurar a confiança na vacinação (Lazarus et al. 2022).

O medo de reações adversas associado às vacinas, exacerbado pela comparação entre as vacinas de COVID-19 e outras vacinas pediátricas, também emerge como um tema central na fala do profissional de enfermagem 6:

“... não estão aceitando ou acreditam que a vacina [COVID-19] possa ter um efeito para não estar adquirindo a doença, só pensam em problemas que pode causar, sendo que nem causam esses problemas...” E6

A literatura recente oferece um suporte teórico para a compreensão desse fenômeno. A desconfiança e o medo associados às vacinas de COVID-19 influenciaram negativamente a percepção de risco em relação a outras vacinas. Esse fenômeno, conhecido como "*spillover effect*", ocorre quando medos e

desconfianças relacionados a uma vacina se transferem para outras, prejudicando a aceitação vacinal de forma mais ampla (Zaprutko et al, 2023).

Os autores apontam que o "*spillover effect*" é amplificado em contextos de intensa desinformação e falta de confiança nas autoridades de saúde, onde a memória coletiva de reações adversas, mesmo que raras, contamina a percepção de segurança de outras vacinas, especialmente as pediátricas. No caso discutido em E6, esse efeito pode estar contribuindo para uma hesitação vacinal generalizada entre os pais, levando-os a evitar não apenas a vacina de COVID-19, mas também outras vacinas essenciais para a saúde infantil (Zaprutko et al, 2023).

A comparação entre vacinas deve ser contextualizada no âmbito de uma comunicação de risco mais ampla. A falta de uma comunicação clara e transparente sobre as diferenças e semelhanças entre vacinas pode exacerbar a desinformação e os temores irracionais. Mais uma vez verificamos a importância de campanhas educativas que utilizam uma comunicação transparente e baseada em evidências, que são essenciais para combater o "*spillover effect*", prevenindo que os medos relacionados a uma vacina comprometam a confiança nas demais (Takakuwa, Andrelo, 2024).

4. Conclusão

É possível concluir que a desinformação atua como um estímulo que dificulta a adaptação positiva dos pais às recomendações em imunização. Os principais fatores que influenciam na hesitação vacinal são a desinformação, devido as *Fake News* e o medo dos eventos adversos, muitas das vezes produzidos também por desinformação.

É essencial que os profissionais de saúde implementem estratégias educativas eficazes, promovam a comunicação clara e consistente por parte das autoridades de saúde e ofereçam apoio emocional e psicológico para superar as barreiras associadas à vacinação. Os profissionais de enfermagem desempenham um importante papel no combate a hesitação vacinal, buscando abordar as preocupações dos pacientes e promover a vacinação com base em evidências científicas.

Referências

ASTUTI, P. et al. Combating vaccine hesitancy: the role of social media influencers. *Health Communication*, v. 39, n. 1, p. 100-112, 2024.

BEAUVAIS, C. Fake news: Why do we believe it? *Joint Bone Spine*, v. 89, n. 4, p. 105371, jul. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35257865/>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de Imunização (PNI). Coberturas vacinais no Brasil. Período: 2010 - 2014. Brasília: Ministério da Saúde. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de procedimentos para vacinação. 4. ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (Programa Nacional de Imunizações (PNI): 40 anos. Brasília: Ministério da Saúde. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Imunizações. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pni>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BROWN, A. L. et al. Vaccine confidence and hesitancy in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 9, p. e00011618, 2018.

SOUZA, J. R. et al. Hesitação vacinal e os desafios para enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 24, n. 2, p. 1-9, 2021.

D'ALMONTE, E F; SIQUEIRA, E L; ARAÚJO, G. Vacinas e desinformação: uma análise de conteúdo sobre fake news apuradas por plataformas de debunking em redes sociais. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 17, n. 3, p. 593-615, jul.-set. 2023. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/374317498_Vacinas_e_desinformacao_um_a_analise_de_conteudo_sobre_fake_news_apuradas_por_plataformas_de_debunking_em_redes_sociais.

DOMINGUES, C M de F; TEIXEIRA, A M B. 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, supl. 2, e00222919, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XxZCT7tKQjP3V6pCyywtXMx/>.

EBELING, R; SÁENZ, C A C; NOBRE, J; BECKER, K. Análise da influência da polarização política na postura vacinal: o cenário brasileiro da COVID-19. *arXiv preprint*, 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2110.03382>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 4201-4210, 2020.

GUERRA, R. O.; SILVA, L. F. Hesitação vacinal e seus fatores associados no contexto da COVID-19. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 45, p. e50880, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/download/50880/28547>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HARVARD T.H. CHAN SCHOOL OF PUBLIC HEALTH. The importance of consistent messaging in public health campaigns. *Harvard Public Health Review*, 2021.

INTERNATIONAL CENTER FOR JOURNALISTS (ICFJ). Connecting journalists with health experts: A strategy to combat misinformation. *ICFJ Report*, 2024.

INSTITUTO BUTANTAN. Como a hesitação vacinal impactou a rotina de imunização no Brasil? Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/como-a-hesitacao-vacinal-impactou-a-rotina-de-imunizacao-no-brasil>.

LAZARUS, J. V.; WYKA, K.; WHITE, T. M.; PICCHIO, C. A.; GOSTIN, L. O.; LARSON, H. J. A survey of COVID-19 vaccine acceptance across 23 countries in 2022. *Nature Medicine*, v. 29, p. 366-375, 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-023-02095-w>.

LOOMBA, S. et al. Measuring the impact of COVID-19 vaccine misinformation on vaccination intent in the UK and USA. *Nature Human Behaviour*, v. 5, p. 337-348, 2021.

MARQUES, A. et al. Importância da educação em saúde na prática de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 76(2), 234-245, 2023.

MARTINS, M. A. et al. Percepção de pais sobre eventos adversos pós-vacinação em crianças menores de cinco anos atendidas em uma unidade de saúde da família. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 22, p. e200017, 2019.

OLIVEIRA, M. C. et al. Communication and teamwork in nursing: Key factors for vaccination success. *International Nursing Review*, v. 69, n. 1, p. 29-36, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Monitorização das desigualdades na vacinação. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329535/9789240022331-por.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PIRES, S. M. et al. Teoria de Callista Roy em pesquisas na pós-graduação brasileira. *Enfermagem em Foco*, v. 13, spe1, p. e-202233spe1, 2022.

PIRES, S. M.; LOPATA, C.; BASTOS, C. R.; TORRES, F. B.; GOMES, D. C.; CUBAS, M. R. Teoria de Callista Roy em pesquisas na pós-graduação brasileira. *Enfermagem em Foco*, v. 13, spe1, e-202233spe1, 2022. Disponível em: https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-13-spe1-e-202233spe1/2357-707X-enfoco-13-spe1-e-202233spe1.pdf.

POLIT, D F.; BECK, C T. Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

RANCHER, C. et al. Using the 5C model to understand COVID-19 vaccine hesitancy across a National and South Carolina sample. *Journal of Psychiatric Research*, v. 160, p. 180-186, 2023.

RIVERA, T.; MELAMED, I.; MICHEL, F.; VELANDIA, M. Campanha de vacinação contra a COVID-19 em Alto Paraná, Paraguai. *Boletim de Imunização, Organização Pan-Americana da Saúde*, v. XLV, n. 4, p. 6-7, dez. 2023.

ROY, Sister Callista. Adaptation: A Conceptual Framework for Nursing. *Nursing Outlook*, v. 18, n. 3, p. 42-45, 1970.

RODRIGUES, F. et al. The impact of social media on vaccination: a narrative review. *Journal of Korean Medical Science*, 38(40), e326, 2023.

RUGGERI, A. et al. The impact of misinformation on vaccine confidence: A social media analysis. *Journal of Public Health*, 42(3), 210-225, 2024.

RUGOLI, A. G. et al. Fake news sobre vacinas: uma análise sob o modelo dos 3Cs da Organização Mundial da Saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, 2021.

SANTOS, E. A. M. et al. (2020). Atuação do enfermeiro na hesitação e recusa vacinal. *Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-RRS-FESGO*, 3(02), 193-197.

SILVA, A P da; et al. Inquérito online sobre os motivos para hesitação vacinal contra a COVID-19 em crianças e adolescentes no Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, supl. 2, e20201183, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10581683/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SOUZA, J P; et al. Desafios e novas perspectivas da imunização no Brasil. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 31, e-310105, 2021. Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/4055>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SOUZA, J. R. de; SILVA, D. M. da; SILVA, E. A. da. Hesitação vacinal de pais e familiares de crianças e o controle das doenças imunopreveníveis. *Caderno de Ensino de Enfermagem*, v. 13, n. 2, p. 1-10, 2022.

SOUZA, R. S. de; SILVA, D. M. da; SILVA, E. A. da. Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal: estudo com médicos e estudantes de medicina. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 39, n. 3, p. 305-312, 2021.

SOUZA, J. R. de; SILVA, D. M. da; SILVA, E. A. da. Inquérito online sobre os motivos para hesitação vacinal contra a COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 24, e210012, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/3f5K6J7y7y5J9L8G7gK6L7F/?lang=pt>.

SOUZA, J. R. de; SILVA, D. M. da; SILVA, E. A. da. Os motivos da hesitação vacinal no Brasil: uma análise a partir da percepção de profissionais de saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 1, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/zsfSyPjQ7ZBdGFszkY6Mbvc/>.

TAKAKUWA, S. Y.; ANDRELO, R. Relações públicas e campanhas de conscientização à vacinação: o papel educativo da comunicação. *Iniciacom*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 68-86, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/download/4765/3148/13332>.

ZAROCOSTAS, J. How to fight an infodemic. *The Lancet*, 395, 676, 2020.

ZAPRUTKO, T. et al. Spillover effects of the COVID-19 pandemic on attitudes to influenza and childhood vaccines. *BMC Public Health*, v. 23, p. 764, 2023. Disponível



em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-023-15653-4>.

WANG, Y., et al. "Harnessing the power of narratives to promote vaccination: A systematic review." *Vaccine*, 40(1), 45-55, 2022.